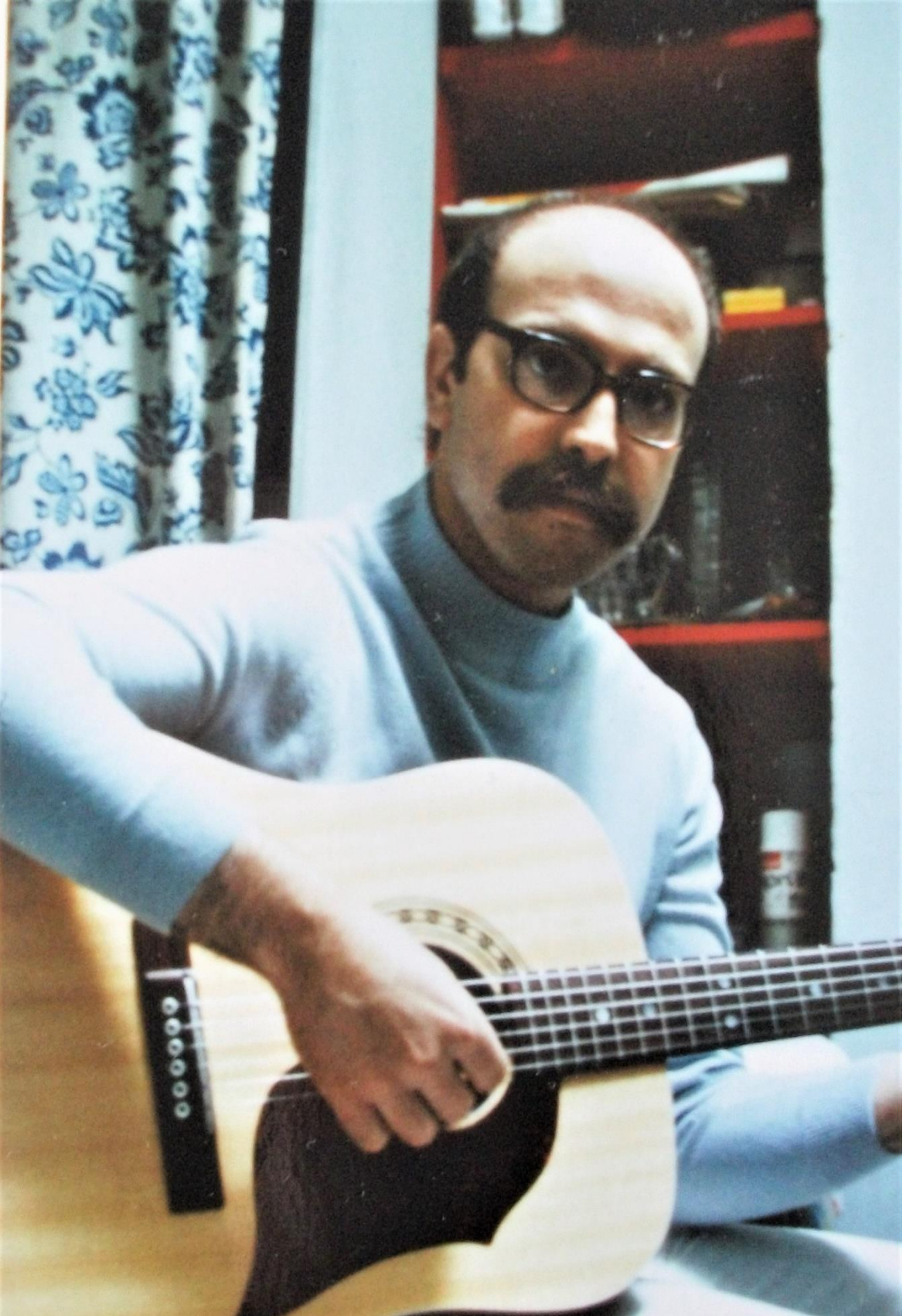


A color photograph of a man with a mustache and glasses, wearing a dark jacket over a light shirt and tie, sitting at a table in what appears to be a cafe or restaurant. He is looking directly at the camera. In the background, another person is partially visible, and there are some numbers on a wall. The overall tone is warm and slightly aged.

EXÍLIO

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA



EXÍLIO

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

Edição expurgada e mais ou menos legível de quatro livros escritos no exílio, em Paris e em Londres: O EXÍLIO, RAÍZES E PORTOS, DEPOIS DA MORTE, ESTAR SENDO.

A NOITE

A noite, rumor das cidades perdidas
e dos reinos destruídos, ruínas e pensamentos,
mundos desaparecidos que viveram o brilho,
esgares que substituíram os risos,
oh sim, sem dúvida outrora, longe no tempo,
tudo foi verdadeiramente possível,
mesmo o impossível, barreira da história,
e meu orgasmo mais ativamente conseguido!

24/8/72

AMÁLGAMA

Na noite louca onde o sofrimento lento
tece a paixão do absoluto e o ser,
em devaneios cheios,
colhe do fora a ausência de tudo,
um homem despedaçado, olhar rasgado,
boca desfeita em excrementos,
espera a era do presente
e tudo se edifica num amálgama de esperança:
a dança do fogo, o leito do inimigo,

a colheita do trigo.

Poucos foram os que assistiram ao verdadeiro perigo:

a visão desapareceu.

Só, elevado à solidão da dor e do castigo,

ei-lo que espera, o homem do último destino,

e a vida tolhe-se, e a lágrima esvazia-se,

e a secura enraivece: a chama aquece o corpo torpe
que sustenta a alquimia do espírito.

Ilusão, sem dúvida.

Outrora,

na espera explícita de um atentado vivido,

ele soube, não fosse que por caminhos ínvios,

como fugir à injunção das horas

e como fabricar do nada o suporte de tudo.

Ei-lo que espera,

o homem do absoluto perdido:

a mulher sem sexo infinito,

os filhos sem parentes invictos,

a morte matreira

e o silêncio na noite pouca

onde a luz é estrela e brilha o sol desconhecido:

ei-lo que se olha no espelho do destino

o homem sem sentido.

O MEDO

É como as vozes atrozes que vagueiam a noite
e que o homem do século tenta esquecer,
o medo não é fictício nem fugidio,
arvora os sentidos e explora,
o medo tredo lança-se ao alcance
e o exterior recebe dos sinais viscerais
um apelo que não se descobre
com medo do homem e do seu destino.

As coisas obedecem-se e cumprem-se:
árvores e casas e torpor de tempo coisificado.
O espírito enlouquece,
vê e ouve,
espreita e pergunta,
devora-se contra os muros do nada.

É como a solidão:
estar no quarto insubstancial
e rir-se do mundo como um palhaço avaro,
e não conseguir dormir
mesmo sob o peso do cansaço:
é como a solidão.

Compreender não basta.

Amar não basta.

É preciso dar uma oportunidade

ao mal

e aí edificar as auroras do declínio.

Os mundos desaparecem nas poeiras do universo:

um verso terso,

um clamor vasto.

Não é amor:

é como o ódio na noite do desgraçado,

é como o sofrimento de se estar de lado,

é como uma doida nostalgia.

Sonhos colhidos e despregados,

cefaleias longas como gládios,

viveu-se o ontem,

viver-se-á o hoje:

é como se fosse um outro dia.

24/8/72

INFINITAMENTE

Tudo é diferente,
o vazio campeia e não esmorece,
o vinho tece imbróglis e recordações,
a cabeça estala como uma castanha,
a poesia tende para o arguto absoluto
que é nada e fulguração de tudo.

Infinitamente,
a mente do ocidente
colhe os sinais do destino
e o homem que morre no seu tirocínio
desaprende a linguagem da infância.

Outros virão.
Mas quando?

A aurora apronta-se,
o dia guerreia a noite,
a clemência do som invade o silêncio,
o novo mundo abre-se e descobre-se:
um aborto e sangue podre,
malsão.

As perguntas recolhem-se,
os olhos pervertem-se.

Que foi feito da esperança?

Risos de putas e novas danças,
mas o mundo continua velho.

24/8/72

FORA DO FORA

Sarças, traços do desejo, traça,
o destemor apoderou-se da angústia,
a fúlvida amargura de sermos água
e o deserto aquece-nos a alma.

Porque nada existe fora do fora,
e porque essa descoberta foi fatal,
perdi-me na luz esbelta do castigo
e sofro agora a paixão do ódio cruel.

29/8/72

EXÍLIO

Exílio, martírio de ser só e em vão,
alívio de se estar acompanhado de nada,
mesmo quando se parece com a solidão!

29/8/72

A MÚSICA

E mesmo a música morreu...

Ficou uma disparidade de signos,
verticais em fogo e camas de vícios,
o futuro é já uma amostra da monstruosidade...

O corpo vibra como nervos em viravoltas,
girândolas de angústias no desespero da hora...

Suplícios nos interstícios
do que outrora o homem chamava dor...

30/8/72

O APELO

Quando do invisível nada vem,
nem o previsível nem o desconhecido,
e a vontade de ser é mais forte que o apelo,
o homem do desejo morto levanta-se do leito posto
e enfrenta a solidão imaculada das novas palavras.

1/9/72

VAZIO

Experiência do vazio:
a noite colhe amálgamas de silêncio frio,
a hora faz-se de cadáveres e de esmolas,
a memória sofre o diapasão do declínio.
Meia-noite: uma sirene esgarça a cidade,
e tudo em redor é espaço, mãos secas e desafio.

Sonhos que foram projectados na insónia da vida,
olhos que o rosto escondeu na escuridão da carne,
tesouros que a ilha esvaecida não pôde suportar,
louros da antiga glória que a poesia já não ama.

Sabedoria e experiência: dinâmica do perdido,
ausência do sentido, raiva esmorecida e podridão!

6/9/72

A PERDA

A poesia do ódio:

lodo sedimentado na escória do velho mundo,
a terra monótona estremece de prazer,
o caos dorme os destemidos lazeres,
o universo regozija-se com a perda.

6/9/72

O CANSAÇO

O cansaço, laço de tudo e de nada,
ter e haver, traço do infinito inimigo,
ou um silêncio que não se sabe morto:
ei-lo que chega das funduras da terra:
o apelo é mais forte que a dificuldade de ser!

7/9/72

NÁUFRAGO

Na areia varrida pelas águas do mar,
o sol batendo sobre a metafísica do ocidente,
o poeta impossível do presente chora o passado,
como um filho perdido da civilização podre,
como um náufrago do deserto periclitante,
e cada lágrima é sangue, menstuo sonhado,
possibilidade ausente, fé no destino do nada,
clareira que a angústia desbrava...

8/9/72

A MÁSCARA

Caminho aberto, vida em suspenso, dor de ser,
horas de dias, estação que finda, novo recomeço,
brilho esquálido na passagem dos últimos signos,
hoje, o rosto desconhecido sobre a máscara,
nojo e angústia, frio, realidade quotidiana,
sítio do impossível que se faz passado e morte.

17/9/72

CEGUEIRA

O rio está seco, ó impureza da terra!,
o céu é a brancura das inocências perdidas,
a palavra tolhe o sonho e cria lodo,
eis que o fim se aproxima, mas como, e de quem?

Vejo cegueira em toda a parte...
E risos... desumanos risos incandescentes...
É festa no plexo das cidades decadentes...
Imolam-se homens e o homem está contente...
Morte, morte, sinais de novos indícios, onde?...

1/10/72

A BELEZA

Talvez a beleza exista ou seja possível...
Talvez a hedionda brevidade de um orgasmo
valha o fardo dolente que se carrega sempre...

Talvez, quem sabe, a vida seja outra coisa,
um mistério na rede de um outro sonho!

1/10/72

A CONDIÇÃO HUMANA

A condição humana, história marmórea
que enche o livro ilimitado da humanidade...

A velha condição humana: oito horas de trabalho,
cinco dias na semana, descanso ao sábado
e ao domingo: a velhíssima condição humana!...

1/10/72

ENIGMA

Ódio, eis-te diante do enigma,
mas a Grécia não vive mais o ocidente.

A cegueira roubou ao destino
a única oportunidade.

A queda virá, e o mundo será outro,
mas sem homens, mas sem homens.

Tudo será reinventado,
morto-nado,
tudo será ausência.

Nada restará do universo aflito:
olhos que foram mármore,
gestos que existiram no tempo,
nada produzirá o advento.

A desolação mais completa,
o vazio mais vazio,
o impossível feito possível.

Indeterminado nada.
Mas sem palavras!...

1/10/72

OUTRO OUTRO

Mas tudo poderia ser possível, tudo,
até o brilho nos olhos do ocidente,
até o cadáver embalsamado da alma,
se o homem fosse outro outro!...

Que clarividência!... Inteligências,
sensibilidade arreitada, dúvidas e erros,
a era do desamor colhe esperanças...

5/10/72

CAOS

Para quem nunca fez planos, tanto caos...
A isto chama-se um destino trágico.

10/10/72

SONO

Sono e crueldade, e o frio...
A noite é um declínio no seio lasso do abrigo.

Quem foi o mestre, o patrão, o chefe, o encarregado?
Oito horas vincadas na plausível permanência do ser,
oito reflexos na noite dormida em sobressaltos.
Colher da vida o prazer
de não se sentir a dor, morrer.

15/10/72

O POEMA

O poema já foi uma quente cama na casa da solidão,
e o mistério, filho da odiosa divagação,
é o parente mais próximo da estadia do sonho
que é vida, tempo, escuridão da noite e insentido.

Há metafísica na física de ser, e o nada,
figura e fundo, estabelece na tábua do deslize
o universo dos confins: saliva quando a criança nasce,
estertor quando o velho perece:
ciclos que são cercos, teias de aranha,
reflexos, reflexos!...

18/10/72

IMPOSSIBILIDADE

Impossibilidade, pobreza e impotência,
marca sobre o destino do amargo papel,
marca o sentido da angústia que é loucura,
e diz, repetindo o absurdo da frase dita:
solidão, sofrimento, náusea, suicídio!...

18/10/72

CRIAR

A superfície do globo aumentou, ou a percepção
do real, a sensibilidade torna-se aurora,
a vida continua, ora sulfurosa
como um sonho, ora opaca como um pesadelo.

No espelho da inclemência a mediocridade chora,
é tão fácil escandalizar a desordem do caos,
e os homens são tão ingênuos ou velhos, amarras!...

Criar é vingar-se, ó miserável sonho humano!
Mas só se cria o que se destrói, e dói sabê-lo!

25/10/72

SILÊNCIOS

Silêncios na criação: olhar súbito
que desperta a alma da existência,
e o sono, laivo da loucura atroz,
diz ao seio do homem a voz esquálida
de uma outra presença.

Fizeram camas e colheram divindade,
ontem, quando raízes eram chamadas
e uma luz percorria a fúlvida imagem
do que se chamou a última esperança!

Círculos como outrora, mas mais velhos,
e choros que se entreolham, e desvelos,
carícias poupadas e suaves enganos:
a vida tece-se de enigmas, ó aranhas!

25/2/73

VIGILÂNCIA

Lê-me como uma revolta, e destrói-me
quando me construo: o vício é grande
quando se ama a imagem da existência,
sê vigilância e atento ao perigo.

?/2/73

A PRISÃO

Não há vozes nem respostas nem caminhos:
há esta consciência que implora em vão,
e que quer ser terra, obstáculo e pão:
comer, eis o mistério, e a prisão!

Dir-se-ia que nada mudou: o mundo piora,
o homem desumaniza-se, o desumano entroniza-se,
a civilização esgota-se... mas a morte mudou!...

?/2/73

LABIRINTOS

Labirintos, onde a chama que aquece?
E onde se esconde o mistério, loucura precoce?

Sobre a palingenesia do nada tudo se modificou,
as relações com o mundo, os esgares do rosto,
as gelhas que nos percorrem como carícias...

Tudo já tão velho, ó esplendor! ó arrebol!
A física e a metafísica, a alquimia do verbo,
tudo tão morto e podre, eflúvio de morte.

Compreendes a pobreza destas palavras?

Não, não tentes compreender...

?/2/73

NADA

Algumas palavras só:

acompanhado de outrora,

sulcando o presente como uma aurora,

mas o mundo dói e apodrece, fruto inerte

de uma infinita desnecessidade...

Haverá sempre o corpo,

mesmo na solidão,

e as lágrimas são outras palavras, sinais

do interior que se quer exteriorizar.

Há outras poesias e as línguas desaparecem:

escolhe este poema como uma carta abstracta

e retrata-te diante do vazio

que te devora:

é-se hora, e depois nada.

Quem descobrir o sentido
deste poema será feliz;
mas este poema não tem nenhum sentido
visível ou escondido; este poema
é o insentido de uma escrita inviolável.

?/2/73

O MUNDO

A civilização ignora-se e eu canto-a,
já exangue,
como uma duvidosa aurora
sem futuro nem mancha.

Outros virão, sem dúvida, mas que mundo
será mundo sem a ignomínia, a raiva,
o desespero do homem?

A queda não vê: precipita-se e quer fim...
Este tão já velho cansaço no âmago do século!...

?/2/73

O PLANETA

O planeta precisa de solidão
e de silêncio, de calma.
O mistério precisa de vítimas
e o enigma de canalhas.

?/2/73

DEVIR

Já não é delírio, nem visões, nem falsos alarmes.
Nem tão-pouco a miséria do sofrimento que paira.
É a contemplação do caminho que se abre adiante.
Sem luzes alegres nem festas verdadeiras.

Ser-se-á novo numa outra língua inexistente,
sem passado e sem futuro, coberta de devir,
e assim todo o delírio terá uma casa de abrigo.

Portos, portos! No mundo ameno da natureza,
talvez!...

?/2/73

FRENESI

O frenesi, esta corrente louca de sentidos,
amálgamas que foram razões do imponderável,
e instintos que corroem o traço fatídico,
aquém o já vivido como uma nebulosa memória,
além o terrível futuro como um enigma amorfo.

?/2/73

A BELEZA

Não basta viver. Não basta nascer e fenecer,
nem fingir que se vive entre as duas estações.

Antiquíssimas foram as sensações e tudo ficou.
Nas pedras e nas cidades da espantada história.

Sê hora e burila a tua alma como uma jóia.
Aprende a odiar a beleza, mesmo quando ela é justa.
E da fealdade sem memória vê o enigma do novo.
Não há diferenças nem bitolas, mas enganos míticos.

?/2/73

FRONTEIRAS

Países, portas, as fronteiras só têm sentido
sem os homens.

Mas que fazer da ordem do mundo
se tudo claudica,
e o universo se perde em indiferença e nojo?

?/2/73

A ALMA

No vazio onde permanecia outrora a alma
há uma teia de aranha tão desproporcional
como a ânsia de absoluto ou de morte.

Admirável é o homem e a sua lívida história!

Começou como um espanto na fereza da glória
e termina como um sono sobre cinzas doiradas!

E dizem progresso, levantam monumentos,
asfixiam as cidades e corrompem os campos.

?/2/73

APARÊNCIAS

Sinto-me algumas vezes uma aventura,
e de cada sentimento que construo
eu faço um porto a mais visitado:
viagens no estático, mas as aparências,
nas novas e velhas filosofias, enganam!

?/2/73

CANALHA

Esperaste o meu sinal.
Três vezes diante de mim,
balbuciando os nervos
da separação definitiva,
tu repetiste a triste frase
do folhetim barato:
- Je ne te verrai plus? –
e eu sorri, canalha,
sem mesmo ter a coragem
de dizer um não.

?/2/73

CIVILIZAÇÃO

A civilização é ocidente, e apaga-se!...

O dias passam, traços e laços, amarras
que se desprendem e caís que se acostam,
longe, na vacuidade da memória, a pátria,
mas em que história, onde e como, se o homem
é o sinal do fim do mundo e da queda se reclama!

?/2/73

CLAMOR

O clamor do desespero é um fogo severo
para aqueles que ousam viver o tumulto do século:
as avenidas do desencanto descem para o inferno
e os cantos dos homens sobem como remorsos alados:
sonhos que viveram o líquido afrodisíaco
e que agora, perdidos no amplexo do desengano,
não sabem onde acabar os dias, velhos escarros!

11/3/73

ESCRITO

Releio-me como se me tivesse já escrito,
em cada silêncio que se filtra no meu sangue,
em cada sorriso laivado de pérfida ausência.
Não sei do que falo, perco-me, igualo-me.

2/3/73

INDIZÍVEL

Mesmo se tivesse nascido na ironia,
de que me valeria,
se desaprendi a técnica do crime
e sou mais um escravo?

Mesmo se tivesse vivido
no tirocínio do génio,
de que me valeria,
se não há mais palavras?

Nomear o indizível é tão perigoso
como o silêncio da mediocridade:
há tanta saliva na espuma
da pretensa verdade!

Ser lido pelos desconhecidos,
e não ser lido!

?/3/73

SER JOVEM

Ah, ser jovem na antiquíssima aurora do mundo
e deitar pedras ao lago, que é estático e mudo,
para cantar que o homem está e é e morre.
Em que mundo?

?/3/73

ÓDIO

Há ódio em cada frase escamoteada do presente,
o ferro de antanho e gume doido do ausente,
há ódio em cada face que cruza a trivialidade,
um olhar que morde, um rictus que se abre.

?/3/73

QUALQUER COISA

Falta-me qualquer coisa.
Sou demasiado.

?/3/73

A LUZ

Já não vejo a luz.
Há felizmente chão.

?/3/73

INTELIGÊNCIA

Da minha inteligência
só me resta a juventude,
bóia de perdição que me afunda
e entrega aos climas frígidos
das outras possibilidades.

Como evitar a dor
que nasce da fricção quotidiana,
hoje um trabalho a ser feito
com horários e cansaço,
amanhã a incerteza da palavra
que não quer ser âmagô.

?/3/73

ALGUÉM

Lembro-me apenas do vazio que os outros
deixaram em mim,
quando deixaram alguma coisa!

Lembro-me de ter sido alguém,
mas que desdita!

?/3/73

O FULCRO

Fazer da vacuidade o fulcro do futuro,
esperar a realização do irrazoável
como um surto,
distinguir na noite
a periclitante dor da aurora.

Signos de onde para onde?

?/3/73

MUSA

Desde quando sou medíocre?
Ah, quero sê-lo!

Musa, sê miserável como o cântico à vida,
usa-te de encontro aos muros das cidades
e esquece para sempre o apelo da eternidade.

Deita-te sobre a terra do possível e dorme.
Ama, se puderes, a simplicidade de seres.

?/3/73

MEMÓRIA

Sou tão desprovido de memória
que me plagio,
ontem ainda eu pensava ter vivido
o futuro,
hoje já nem sei se o passado
foi realmente.

?/3/73

HORIZONTES

Os horizontes murcham
como pedras sem enigmas,
as rotas e os rumos despedem-se da vida,
ficam os aromas dos sonhos
que nunca sonhamos.

?/3/73

O CAMINHO

Faz ritmos nas rimas
que não sabes fazer.
Revela-te aos homens
como uma esperança do século,
mas não lhes indiques o caminho,
se o houver!

2/3/73

CREPÚSCULOS

Abre-se a tragédia como um fruto podre
que empesta a terra
com os seus sentidos nefastos.

Abre-se o mundo:
o horizonte ferve de óleos larvarmente odiosos,
espera-se o cataclismo como um começo de vida!

Ah, os sóis!
E a fulgurância redentora dos crepúsculos.

14/4/73

SUOR

Metade da vida tem sido suor,
este odor que sai do corpo
e vive a confusão do sentido,
esta metafísica do animal
que se sente indevido:
um verme medroso do estilicídio,
uma consciência que se deseja terra.

7/4/73

OCIDENTE

Larvas percorrem o reino morto do ocidente,
constroem-se ainda templos
sobre as velhas catedrais,
erguem-se palavras
onde o silêncio é monstro
e diz-se que tudo será possível
no dúbio cadáver.

7/4/73

MERCADORIAS

Tudo está estragado,
ó mercadorias da abundância!
E comemos à mesa limpa
e encerada com esmero
a merda que temos para comer:
progresso.

Deita fora as latas do teu coração plástico,
e não chores se não tens lenços de papel.

Já não precisas de invocar os deuses.
Disseram-te que eras deus e tu arvoras-te
ao pináculo da tua desolação feita de cal,
olhas em redor
e vês morte como paisagem,
olhas-te para dentro
e vês a mecânica funcional
que te traz de pé e sorridente.

Admirável novo ser, tu já o és,
mas não o sentes!

CINCO ANOS

Cinco anos de noite na noite ocidental,
a alma evaporada, o corpo esmagado,
a ilusão acumulada, dia sobre dia
quando é a noite que reina brutal,
e nós, os homens do fim do século,
sem luzes de nada.

7/4/73

FULGÊNCIAS

Fulgências!
Em que vulva segue a vagina interina
do holocausto?
Quero perder-me no cântico estranho
da desmedida,
ontem ainda a impostura da inteligência,
hoje o sacrilégio
de não podermos ser mais malditos.

7/4/73

GÊNIO

Dá-me outras palavras,
ó génio,
e outros ritmos,
quero fugir de mim e o mim
está sempre à frente como uma sombra,
um aglomerado de poeira
que paira levemente sobre os passos
que não dou.

2/4/73

UM ROCHEDO

Estranho:
os horizontes fecham-se, os subterrâneos abrem-se,
vive-se a vida fora da vida para evitarmos a dor
da morte. Vieram e arrancaram-me a alma
com um sorriso nos lábios, puseram-me um rochedo
às costas e disseram-me: sê humano!

2/4/73

PLEXO

O silêncio volta ao plexo do pensamento
enervado com os ruídos da indiferença
que tolhe o exterior;
onde o revérbero de uma esperança,
que a secura morre no destino
de um cadáver?

2/4/73

TUMULTOS

Tumultos de dores no plexo do que está sendo,
matemática do instinto que recolhe os tempos,
marcos da perenidade tão vexada pelo homem,
ser na indeterminação do logro essencial.

Como ser teatro se os homens são actores?

Só o simulacro é verdadeiro.

2/4/73

CLÍMAX

A palavra não está morta.
Nem o verbo que a suscita.
Ligada ao real que a devora
infiltra-se de queda,
senhora de uma razão que paira aflita;
a palavra não dorme
mesmo quando é medíocre,
enclausurada no imo substancial
de todas as derrotas
ela apodera-se da fraqueza do mundo
para ser vitória.

E mesmo se os poetas morrem de desgosto,
a palavra saberá como encontrar
o clímax do mistério,
que de poeiras no tempo inviolável
é feita a concisão do sentido.

Ficarão os testemunhos e a terra viverá,
urdida de novas, afeita aos paroxismos
da memória nos livros da ausência.

ESTRANGEIRO

Sinto-me o senhor estrangeiro que, na sua pátria,
lê livros alheios e conversa, entre duas páginas,
com os amigos do eventual na praça do acaso.
E sinto-me a mistura larvar de duas falas,
como uma esperança de qualquer coisa para ser,
um não sei quê que poderia ainda se resolver,
no infinito das nossas vidas tão devastadas.

?/4/73

UTOPIA

E como nos momentos de apego ao infinito,
a música, saída da viola do inevitável
como um sonho antigo.
Um dia, sim, ó todas as possibilidades no exílio,
um dia dir-te-ei de que substância
eu me destruo,
para renascer na sagesa da utopia.

?/4/73

COMPREENDER

A dor perde pouco a pouco a sua natureza de intrusa,
ganha um outro sentido que prova o destino.
E o sem sentido de um quotidiano já tão absurdo
resolve-se no amplexo entre os meus passos
e o redor que se fez mundo.

Compreender não é viver. Mas viver nunca será ser
se por detrás da dor não paira o espelho do sentido.

?/4/73

A ÚLTIMA

Somos várias civilizações, e a última esgota-se.
A nova, que aparece
entre os interstícios do mundo,
fere-nos como um filho que bate com os pés
no ventre daquela que aconteceu ter sido
a sua derradeira mãe.

?/4/73

UNIVERSO

Descobri que não havia universo
em nenhuma parte.
Apenas estes estilhaços de ser
que nos golpeiam para sempre,
similitude do imponderável
e clareira do definitivamente perdido.

Nós somos, vivemos do nada, vamos para o nada,
e entretanto, com a angústia de o sabermos,
refugiamo-nos no eterno.

?/4/73

AQUI

Aqui, um olhar foge do holocausto das horas,
nega a vida do quotidiano que asfixia
e evolva-se para os siderais desígnios
de outra coisa: aqui o homem faz-se mais.
Mas o quê?

?/4/73

INSECTO

Salvas forâneas na noite.
Da janela timorata vejo,
como um insecto que se mata de encontro ao vidro,
a vizinhança estafada por mais um dia de vida.

Desfaço-me da janela invisual e volto ao suspiro:
na escrita de hoje as palavras são meros escapes
e não contam para a análise intrusa do perecível.

Dezembro de 74

ENTARDECER

Sento-me à mesa do diáfano entardecer,
esqueço a cidade onde vivo os passos da idade,
e escrevo sobre fátuas folhas embranquecidas
o sonho já não moderno de me sentir feliz:
a sensibilidade perdida reaparece como uma lava.
Vivo como uma inocência no seio de um abrigo.

Dezembro de 74

AS MULHERES

Restam as mulheres
fordas de uma impossível aliança,
o desejo que alimento nas entranhas lutulentas
queima-se como uma borboleta
lambida pelo fogo,
atinjo no corpo feminino o auge do limite.
O espírito regressa ao corpo:
um turbilhão de confusas melodias.

Dezembro de 74

A IGNESCÊNCIA

Ilumino a ignescência que consome o homem
com fachos irreais
e sopros de ausentes enganos,
no seio iterado da morte um lúrido presságio
galvaniza a periclitante vontade
de não ser.

Dezembro de 74

INVERNO

A rua no inverno e caminho.
Não sei se penso.
Mas vejo gentes que marcham
ao som do desconhecido
e isso faz-me lembrar imagens doridas
da infância.

Nas vielas mais obscurecidas
pelo nevoeiro nocturno
espero com um sobressalto no peito
a chegada vulnífica daqueles
que se vingarão em mim de um crime perfeito.
Vejo-me trespassado de balas
e sinto o corpo que cai,
lentamente e sem som,
como um final de uma tragédia.

Ai do poeta moderno que não seja um criminoso!

E os passos molhados ecoam sibilinos
e pontuais,
e uma tristeza imperdoável
sobe-me até à alma.

Choro as miúdas e poucas lágrimas
que ainda possuo.
Lentamente desapareço da rua onde deambulo.

Há uma ausência de qualquer coisa
no meu destino.
Carros que passam
e ruídos e silvos e estridências,
há um estranho vazio na totalidade
que prodigalizo.

Não sou.

Dezembro de 74

FRAGMENTOS

Imito o século. As modas que nascem e fenecem,
os brilhos inteligentes, os sons de novos instrumentos.

Não mais discutir o sentido da civilização.
Trocar impressões que vulgarizam o sofrimento
e destronam a ideia que se faz de tudo,
não mais cair na tentação de criar valores.

Nem quero tão-pouco ser compreendido.
Daí os fragmentos apostos na adiposidade do real,
daí estas frases que não ultrapassam o nada,
daí este nervosismo na raiz do meu ser.
Mas quero sobretudo ser lido!

Dezembro de 74

HAVERES E SERES

Há na abundância de tudo o que rodeia o homem
um clarão que desperta a loucura introvertida,
um riso que tropeça no ritual inumano do desejo,
um arremesso que faz vibrar a verticalidade condoída.

Há salvas de encantos jamais contados nos livros
que estremecem com ideais vencidos pela opressão,
há na translucidez do vício um amálgama de tino,
o sinal superior de que se é e se vive vãmente.

Há na pletora da angústia uma rua escura
onde o passante treme como um vento,
olha e o redor define-se como um limite,
sente o coração que bate e que o suor rasteja.

Há uma anomalia no carácter exuberante do sonho,
um prazer exaurido como um esforço para viver,
há no plexo moderno das existências que se sabem
o terramoto capaz de destruir a última alma.

Já não se pergunta quem somos quando bebemos:
mas vomitamos nos passeios polidos da cidade amena
o fel que corrói em nós o tirocínio do exemplo,
a corrupção daltónica de uma febre apenas aceite.

Há haveres e seres e a história cumpre-se,
é fácil morrer, é fácil nascer, mas viver,
embora na imensidão do logro e da ignorância,
é a mais extraordinária aventura do absurdo.

Dezembro de 74

FAÚLHAS

Somos faúlhas e o fogo desaparece em cinzas.
Fomos o quê? E sobre nós, carcaças da nova era,
depositamos à maneira antiga dos homens inocentes
estranhos beijos feitos de esperma e de terra.

Sabemos ao menos escutar o universo quando vamos na rua? Sabemos ao menos que na rua não há universos? Que queremos? Tudo se resolve fora do nosso viver, o mundo onde nascemos e vivemos.

Polpas de dedos friccionam o nosso odioso umbigo, rimo-nos da atmosfera de amarelo que nos sulcou: agora, ásperos como velhos animais inadvertidos, já não possuímos a férula mortal que nos castrou.

Quem amámos? Quem odiámos? Quem conhecemos? Repudiamos a resposta fácil, repugna-nos a mentira, levados ao paroxismo de nada compreendermos sorrimos para a superfície do real que reprime.

Lemos estranhos livros que nunca chegaremos a perceber, compomos nos nossos quotidianos um arco e uma seta, os alvos lívidos de um aceno, e no cerne do insignificante cumprimos um dever.

Que juventude tivemos para a perder como se nada fosse? Que alegria em nós amadureceu? Quem fomos? Que caminhos percorremos para chegarmos agora aqui, esquecidos que a vida poderia ter um sentido?

Esperamos ardentemente envelhecer e cair por terra.
Como aqueles que sofrem as mudas mediocridades,
esperamos, sentados em cadeiras hipotéticas, que
um sopro de cansaço nos leve para outras paragens.

Dezembro de 74

ESFERAS

Sobre lapsos de intempéries já sazoadas
edifiquei loucas esferas de ventres futuros,
fímbrias de novas épocas
que despertarão o passado com elixires
que desafiam o próprio testemunho.

Não mais a odiosa mediocridade
de não querer ser.
Mas ser, hoje em dia, comporta como prémio
ou sevícias ou um estranho crime
que precisa de ser cometido:
nos caminhos do homem fezes fazem futuro.

Dezembro de 74

HORAS NOCTÍVAGAS

Passeio durante as horas noctívagas
a cidade adormecida,
só ou acompanhado de casuais mulheres
toldadas de desejo,
um passo e um olhar,
o silêncio ou o murmúrio sadio
de dois seres que falam para dizer que estão unidos.

Mas eu sei que a ausência de delírio
é esporádica,
e que a mulher que agora
se encosta ao meu ombro desaparecerá
como desapareceram as outras.
Nada posso fazer para evitar uma súbita tristeza,
um rallo vindo da natureza que me quer homem.

Dezembro de 74

QUEDAS

Fosse eu um arauto do novo no marasmo do homem,
e logo me suicidaria, aflito por ser mais do que nada.

Querer é o último verbo que usarei para o futuro,
não levarei comigo nem a sombra de uma memória.

Mas mesmo no desastre mais inóspito do planeta
eu saberei sorrir e viver uma estranha felicidade.

Gasto por dentro, o exterior repele o malefício,
ninguém se preocupa com o destino de uma pedra.

A euforia dá lugar ao oco que se transforma em alma,
vivo duplamente cada signo que esbarra nos sentidos.

Clamo contudo a oportunidade de morrer jovem,
mesmo se são poucos os que compreendem o enigma.

O ocidente não precisa de vozes nem de inteligências,
estraçalho a dissoluta mentalidade que quer vencer.

Tenho o ensejo de divinizar o tédio que mortalha,
mas nos versos que escrevo só o ódio é cidadão pleno.

Sabe ao menos distinguir o que te agrada e apraz,
não leias livros aconselhados pela sabedoria humana.

Como eu, se fores capaz de desistir da miséria,
sorri diante do infortúnio que te cai nos ombros.

Mas vinga-te do desperdício inexpugnável do tempo
abrindo quedas que signifiquem mais que essências.

Dezembro de 74

UM RUÍDO

À noite, quando todos dormem e o silêncio é um ruído,
à janela da casa onde vivo espreito o acontecimento,
nada se passa e a rua deserta é igual ao deserto
onde tenho assistido aos desenganos sentimentais.

Há ainda um corpo que vibra e respira e se move,
caio numa cadeira no escuro da sala aquecida
e choro uma estranha alegria que me comove:
que fiz eu para não merecer o pouco que tenho?

Dezembro de 74

PASSO

Não sei se me compreendo. Vagueio
por entre ruas doridas
zurzidas pelo vento de um país que não quer
espairecer, ligo-me ao mundo
com os olhos de quem vê e não sente,
cinjo-me ao premonitório e desobedeço à vontade.

Nada possuo.

Sou este corpo que engendra delírio
e estendo-me como uma vida
sobre as pedras do caminho,
o que fiz, o que farei,
passo e não ligo importância, nasci como vivo,
sem razão, sem trabalho, sem um fim.

Dezembro de 74

FESTAS E SUOR

Indeciso entrego-me à fúria
de viver festas e suor.

Canso-me de encontro a outros corpos
que dançam, brilho como uma lâmpada
que está prestes a extinguir-se
e rio do que sofri
como do que sofrerei doravante.
As mulheres sucedem-se
nos meus braços arquejantes,
dizem-me mentiras sobre a diafanidade
do sexo, ciciam vãs palavras
ao ouvido daquele que deseja morrer.

Dezembro de 74

SIMULACRO

Tornei-me um simulacro.
Não sei de quê.

Dezembro de 74

EMPLOI DU TEMPS

Do inexorável emprego do tempo:

ruínas dos dias: ser: ouço músicas que fogem,
leio livros que não ensinam, aprendo línguas
estranhas, recebo a mulher que acompanha,
como frugais refeições, durmo doze horas bastantes.

A gratuidade de uma felicidade que se desconhece:
no interregno mitridático oferecido pelo mundo
de hoje abro-me ao inominável que não existe.

Janeiro de 75

O SENTIDO DO REAL

Fico absorto durante minutos que são rumores
do exterior, como recomeçar esta aventura
todos os dias diferente, juntar palavras
que ultrapassam e subsumem o momento,
criar na frase do desconhecido o sentido do real.

Janeiro de 75

LIVRE

De nada valem as polícias que legalizam
a criminalidade, os valores ancestrais
ou modernos paridos pelo social,
as obrigações impostas para levar o barco
ao porto, as responsabilidades
células gastas da consciência.

O cadáver putrefacto fede e ninguém se apressa
a enterrá-lo: querem embalsamá-lo
para que sirva mais tarde de exemplo.

Cada minuto é uma existência
e o futuro do destino é mentira, os planos
arquitectados no recesso podre da inteligência,
as casas onde teimamos morrer de tédio
e de isolamento, se queres sentir o universo
sai de ti e abre-te à aventura.

Sorri diante da tua nova imagem.
Os deuses morrerão quando acabares de nascer.
Nasce livre na terra que te reconhecerá sortilégio.

Janeiro de 75

FACTOS

Que sei eu dos imbróglis nefastos ou saudáveis
que colmatam a época com mentiras ou nitescências?

Que sei eu do tempo que estamos a viver?

Testemunhos de homens que julgam acontecimentos,
pontos de vista divergentes, análises contrárias,
quem está errado?

A história da verdade não corresponde aos factos.

Não leio jornais.

O efémero de ser todos os dias
deixou há muito de me interessar.

Janeiro de 75

INTENTO

Quero estes versos sem genialidade e consigo
o meu intento: não rasuro a frase incompleta
que não exprime o evento nem mudo o significado
maldito que sobressai do nada.

Em cada palavra que escrevo
e não medito imprimo uma alegria
que nada tem a ver com as estéticas.
Não sou mais poeta.

Janeiro de 75

O LAR

Aí onde duas tensões policrestas
se definem antagónicas
eu fundo o meu lar, a minha esperança,
a minha inutilidade.
Aí eu sou e não preciso de conselhos
ou de vãos ditames.

Janeiro de 75

AMIZADE

Há uma amizade inefável e inumana
entre mim e tudo o mais.

Nas pedras que piso desta extensão calcetada
da cidade eu distingo falas e carícias
de mulheres que já não vivem,
nas árvores húmidas que resistem
ao inverno ameno eu bispo
estranhos amplexos de corpos entregues
ao cio, na sombra que lanço sobre as calçadas
e becos eu acho o interlocutor ideal
para as minhas deambulações.

Janeiro de 75

MUDAR O MUNDO

Países que caem e governos que sobem ao poder,
multidões que saem das casas
enlutadas de degredo
e procuram nos novos patrões
a antiga servidão.
Não acredito que queiramos
mudar o mundo.

Janeiro de 75

A AGONIA

A agonia esbelta de uma crise
que atinge a totalidade nos acidentes esparsos
que dividem as horas em eventos,
o brilho já pecaminoso de uma aurora
que tarda de vir
quando os mais belos espíritos
se afogam na asfixia.

Janeiro de 75

TUDO E NADA

Fictos brilhos e suadas teses sobre tudo e nada,
ouvi os oradores testemunharem ódios e esperanças,
vi nos arroubos das multidões desejos inconfessáveis
e penso que compreendi instintivamente a mecânica.

Pulcros inventores de teorias que gozam de prestígio,
tanto quanto dura a moda, o efêmero, o deboche,
mas a realidade da qual todos nós temos medo
inflige ao homem as mais odiosas mistificações.

Janeiro de 75

OS MESTRES

E mesmo no recanto mais longínquo da terra,
quando pensamos que mais ninguém nos descobrirá,
eles chegam com armas de guerras insuspeitas
e levam-nos para a máquina do real responsável.

Eles que nada percebem de um transe, de um êxtase,
que nunca tiveram a ousadia de se sentirem inúteis,
eles que fogem do delírio e dizem que é doença,
os mestres das vidas daqueles que estão de fora.

Janeiro de 75

NA EUROPA

Aqui estou, à beira do precipício na Europa litúrgica,
um passo para a frente e a queda no fulgurante vazio,
um passo para trás e a firmeza podre do estático:
procuram-se soluções nas conversas altívolas do poder
e até o verme do café discute a desmedida temporal.
Saberão ao menos o que a morte exige dos homens?

Janeiro de 75

HALOS

Estímulos de chispas que irrompem do fulcro
memorável para abrirem à superfície
dos meus sentidos monstruosos
chagas que foram derrames ubíquos
de sangue e chamas.

Halos sobre a cabeça decepada do mártir
moderno, nos jornais que ninguém lê,
nos filmes que metem medo,
o sentido visceral de um amor
que não tem preço nem bitolas,
de um arremesso capaz de dispersar
a própria história.

Janeiro de 75

POROS

Esquecido da estética sofrida no exílio
sorvo a brisa que respira pelos poros do teu rosto
e no meu ínvio vazio uma esperança renasce.

Janeiro de 75

HIATOS

Hiatos de ser, quem pretendo imitar?
Conluíus que fogem e desenganam as previsões
argutas, ontem na aridez medíocre da luta,
hoje que já não suporto a obrigação
e atinjo o acme.

Há o amor que une e desune e cansa e vigora,
o amor palavra ou sentimento ou carne quente,
há este desejo de permanecer indo embora,
mas como?

Janeiro de 75

MIRÍADE

Ah, os postremos desejos de um naufrago
que não morre e encontra a praia deserta
ou plena de grãos finos, amplidões de miríade
de nadas ou fusões de um tudo,
ah, o espírito moderno ajoujado à liberdade
do ilimite.

Janeiro de 75

DO ÓCIO

Hoje compreendo perfeitamente
a razão lúcida do ócio:
estou desempregado
e fora da máquina anquilosada do mundo.

Saio de casa para dar longos passeios
através da cidade fria,
e no meu ânimo luzes de alegria
acendem ideias felizes.

O ócio de não morrer todos os dias na fábrica
do ódio, a exteriorização animal
de uma profundidade inestimável,
o orgulho selvagem de não pactuar
com a escravidão moderna.

Desinibido, esfrego-me ao sexo
e com a mulher brinco horas e horas
no esforço magnânimo de gozar as delícias
carnais que nos abrem perspectivas
indecentes num mundo onde só o criminoso
é digno de estima.
Que tenho feito até aqui?

Irrompo com o meu tesão miraculado
o ritual das palavras,
a beleza imputrescível que toda a mulher
esconde e ama, invento
novos estertores para mortes
sulcadas de desejo
e no ventre do meu sonho sinto
um calor que é diferente.

Janeiro de 75

SUSSURROS

Amo a noite
no que ela tem e traz de sussurros animais,
a noite onde o vinho corre como fontes
de melífluo prazer, a noite
outrora capataz e algoz,
filha de uma maldição serena,
amo a loucura
que me desobriga dos gestos contemporâneos.

Janeiro de 75

LONGE DE TUDO

Centrado nesta inócua vacuidade de viver
dias vulníficos através de gazes
de poalhas que impedem o surto do real,
fico-me como uma amorfa alegria
sem objectos sensíveis
no calor quase uterino de ser feliz
longe de tudo.

Aprendi com o tempo a esconder a mentira
de ser. Percorro longas ladeiras
que me instigam ao devasso prazer,
com a mulher que permanece ao lado
e me olha sem me ver
destruo meticulosamente
quem quis ser.

Janeiro de 75

DIÁLOGOS

Crio no vazio da minha erosão diálogos
com mulheres que nunca conheci, que nunca verei.

Falo-lhes das minudências aparentes do quotidiano
debaixo do brilho seráfico de revelações angustiosas.

Compreendem-me? Elas que se abrem
para nos receber com carícias mais propícias
à morte que ao nitescente viver.

Janeiro de 75

CONTRADIÇÃO

Ainda não descobri a contradição fundamental
do universo.

E na coerência que construo sinto
a ardilosa mentira.

Imiscuo-me ao desamparo de tudo:
um verme, um verbo,
uma esperança aflita, um ódio desperto,
um puro amor.

Janeiro de 75

RODOPIOS

Sóis que formam na adiposidade da hora
irremediáveis lençóis de poeiras
que estremecem e lançam sobre o corpo nu
do homem
esgares malevolentes,
facécias toscas.

As auroras empalidecem
e no súbito altar da planície que se abre
vejo estranhas figuras
que acalentam ainda esperanças e enganos,
sorrio da visão feliz
que paira por minutos sobre as ossadas,
o meu destino é uma folha,
a minha morte colhe estradas.

Estradas de quê? Luz no acme do céu,
soturnas pesquisas na indolente brevidade
de um orgasmo.

Sóis e rodopios de mentalidades.

Junho de 75

MENTIRA

Todas as palavras são possíveis: todas as letras
a empregar: assim, tauxiado pelo sofrimento
de não saber o que vivo ou sofro
escrevo sobre as folhas melodiosas do acaso
as frases dos signos,
e tudo estremece à volta, tudo turbilhona,
tudo rodopia, e eu no centro,
no acme do ser, inviolável mentira
que a civilização esmaga,
eu, aqui, tempo e espaço, aço
de uma nova dimensão e desespero
humano, inumano, trapo que se sacode
e se reveste de dúvidas e de engulhos.

Junho de 75

A CORAGEM

A coragem de dizer, mas dizer o quê?
Há o mundo.
Há o manejo repelente das palavras.
Esta necessidade. Esta insuportável saliva.

E o cansaço.
Este cansaço extremamente improfícuo,
doente, obsceno, real.
Este cataclismo da alma,
arados e extensões do selo eterno.

Há a terra.
Nas mãos sujas, no sexo. Na tempestade.
As idades que caem e as cidades que se levantam,
poeira, história.

Os anos passam e deixam estranhos resíduos:
é a alma que desconheço, é o corpo que avilto,
são os dados do silêncio.

Junho de 75

MEDO

Há uma palavra que merece o elogio dos tempos
modernos: medo. Medo do medo.
Medo do desconhecido que será um amanhã.

Junho de 75

TRAUMATISMOS

Toscas celebrações de uma angústia
que atinge o máximo da sua força, soltas frases
que o tempo delimita
e o homem inventa no cerne do viver,
agora e aqui, e sobretudo no futuro do que será.

Velhos traumatismos e no espírito
que cede ao desamor da época as ruínas
dos edifícios construídos outrora.
São imagens delirantes de uma força
que preside ao esmagador delírio da humanidade.

Junho de 75

UM MURO

Esqueci o mar, a maresia, o entardecer de fogo,
a noite virada para dentro.
Nas palmas das mãos escrevo
a história antiquíssima do meu desterro.
Um muro eternamente branco.

Junho de 75

FINALMENTE

Estas palavras finalmente virgens
de tanto serem empregues,
limites da emoção, cumeeiras da estadia
no pensamento.

Falo-te do momento irreal de ser
e de não transparecer na realidade,
este nó ou fulcro, este poço fundo
como uma terebrante necessidade.

Este simulacro de um nascimento,
talvez de uma morte que salve,
este comício arquejante que proclama
a liberdade de não estarmos.

O sonho é a metamorfose moderna
da impossibilidade. Sacudo da vacuidade
da memória perdurável as palavras:
bafio e teias de aranha, arquitecturas
da mitologia antiga e da tragédia moderna
que teima em derrubar o poder da verdade.

Junho de 75

O FIM DO HOMEM

Festejavam também o fim do homem.
Creio bem que o homem nunca existiu.

Que são aquelas nítidas manhãs fluviais,
aqueles arremessos de uma loucura
que quer enfrentar o mundo e vencê-lo?

Quem são esses seres que se levantam
e se deitam, vivem e morrem?

Junho de 75

NITIDEZ

Vejo da janela desta casa as janelas de casas
onde os homens se abrigam das intempéries,
do desgosto, do sofrimento.
Não descubro filosofia nenhuma
na minha visão perdida de nitidez:
aqui estou eu, ali, talvez detrás de uma cortina,
um homem que olha. Que verá?

Choro repentinamente a saudade de já ter sido.
Choro como alguém que assistiu a outra coisa
que não pode contar.

Junho de 75

PANFLETOS

Outrora escrevia cantos de guerra,
panfletos do imemoriável,
desfazia a ordem do século com risos de nojo
e escárnio.

Hoje teimo em não ser mais
do que a simplicidade de não saber,
colho da terra os frutos ignaros do viver,
basta-me a solidão.

Não poder descrever os olhos dos homens
quando se reconhecem.
Não saber falar dos silêncios que se dizem,
da voz que nos arrasta sobre velhos entardeceres.

Junho de 75

OS LIMITES

Perdi a grave noção de casa.
No espelho das fábulas modernas revejo
a fealdade, a luz que me inunda
e cobre o meu corpo de trevas.

Percorro na cidade os limites da época,
vejo sinais de medo,
pessoas que escorrem como fachadas
cobertas de sangue,
risos perplexos, facúndias que entronizam
o saque.

Junho de 75

DE TUDO, DE NADA

A rotina de dias que nos levam a outros dias,
o suor do verão e o frio zeloso do inverno,
as peripécias do acaso, um passo dado em falso,
uma boa notícia: assim se fazem os alicerces
de tudo, de nada.

Junho de 75

OFEGO

Cada poema é na sua essência
inoportuna um enigma:
lido de trás para a frente
significa a mesma coisa que o silêncio;
não lido não significa nada.
Lido correctamente,
palavra atrás de palavra,
significa este estar sendo, mutável,
irrequieto, palpável, cheio de carne e de sonho,
como a vida, sucessão de acontecimentos
no tempo.

Como a voz que perpetra os cruentos
crimes do século,
o poema é uma arma insentida,
um passo no vazio,
o novo clima onde os dias serão querelas
da Utopia.
A realização de uma soberania estúpida.
Um vulto que transparece e explode.
Ofego. Êxtase. Miragem.

Junho de 75

UM CRIME

Escorrem, pairam sobre mim
estranhos fachos forâneos,
este sangue vindo de um desprestígio insano,
sentimentos e sensações,
linhas de compreensão heteróclita,
o meu desejo é um crime na mediocridade
do ocidente.

Junho de 75

SEM DÚVIDA

Mais velho, sem dúvida.

Agora, de vez em quando, ouço jovens
que proferem discursos sobre a revolução,
sobre as mudanças que nunca são suficientemente
radicais.

E eu parvamente choro, não como uma criança,
mas como um velho.

Estou cansado. Angariar multidões,
dizer-lhes que sofrem...
Dir-se-ia que se ensina aos miseráveis
a miséria que não sentem.
Eu sinto-a demais para fazer disso uma vocação.

Junho de 75

LIVROS

Escrevem-se livros sobre intensidades,
discute-se de tudo,
lê-se o que há de mais avançado,
nada se muda.

Junho de 75

GRITOS

Gritos, gritos e chamadas, este calor
que queima as casas, a cidade que crepita,
as águas que fervem como na profecia, eu bem dizia,
eu bem dizia, a Loucura existe, a Loucura é!

Lagos de fumos que se infiltram pelas ruas
do desassossego, na noite as mulheres
que se agarram aos filhos malditos,
no dia esta poeira de velhos desgastes,
este pó e estas cinzas: o verdadeiro castigo.

Junho de 75

A MISÉRIA

Ganhei com a miséria um vazio:
este oco que ecoa
e se espalha na terra
como um grito ou um vagido.

Perdi a força que me fazia procurar.
Perdi a curiosidade que me ludibriava.

Junho de 75

HISTÓRIA

Escrever-se-ão livros sobre a história moderna
que vivemos.

Contar-se-ão os factos determinantes
das políticas e do social.

Narrar-se-ão os acontecimentos de valor universal,
os progressos técnicos.

Far-se-á como outros já fizeram da história
passada.

Mas nenhum leitor compreenderá o homem
da época tratada,
nem um sonho ou uma presença individual
nessas páginas automaticamente
erradas.

Julho de 75

AS ILHAS

A ordem do mundo, os polícias das sociedades
avançadas,
a liberdade de sermos explorados.
Que faço aqui?

As ilhas estão longe, os mares inavegáveis.

Na noite incendiada pela imaginação
assisto à violação de tudo,
ao desamor que desbarata as construções
alicerçadas pela estupidez.

Vejo resignação, embotamento, asfixia.
Um rancor que não ultrapassa o estado infantil.
Nem um relâmpago de luta.

As ilhas estão longe, os mares inavegáveis.

Julho de 75

SANGUE

Sangue.
Descia do céu como uma chuva contínua
e contígua, num ciclo de paz.
Corria no solo
de uma terra estéril e ressequida,
enchia os poços onde o gado bebia,
as fontes que originavam rios.

Sangue.

Mulheres de patrões abriam-me as calças
e pegavam no meu pênis:
esfregavam-no até que dele saísse o sangue
com que se alimentavam.

Sangue.

Esquecer para sempre
essas imagens apocalípticas.

Julho de 75

NA CONFUSÃO

Esta acalmia, no sussurro dos dentes
que se entrechocam
e dizem, mais do que sentem,
a brevidade esporádica de uma fulgurância
diserta e amena, a imagem dolente
de uma estadia
que o destino catalogou de felizes ecos,
os presságios sábios
que acalentam na alma dos homens
a beleza de um orgasmo.

Este descanso de noites apodrecidas
e de poeiras nos ambívios sacros,
um olhar que significa mais que um encanto,
uma dor que atinge o auge indomável.

Nas águas de rios que se imaginam
eu lavo-me da merda
que a civilização depositou em mim, lavo-me
como a inocência
que não teme os maiores castigos,
lavo-me de mim próprio,
talvez uma mentira da sinceridade.

Quem sabe os caminhos do acaso?

Cuidado com as razões que dardejam
e com as insinuações que avultam,
na contradição estabeleci o plinto do ser

Há na confusão de tudo uma ânsia
que quer ter forma.
Um rodopio da matéria que brilha
como o cerne mesmo do pensamento.

Julho de 75

A IMAGEM

Ninguém com o pensamento simplesmente humano atingirá a febre,
o engulho de não saber dizer, o burburinho no comício da carne.

O desejo miserável de deixar a imagem de uma efemeridade,
a vontade ignóbil de querer ser público quando o anonimato é ser.

A cabeça estala e os estilhaços espalham-se como aços poderosos no universo.
A cabeça arde e no simulacro do delíquio há ainda a maldade salvadora.

Julho de 75

VERTIGENS

Fecho os olhos: vertigens, fraqueza: o pão não é suficiente para manter o corpo,
a alma, afeita aos mimetismos do século, não compreende esta leveza da levitação.

Caio num torpor onde a própria vida
se acha despida pelo sofrimento:
perco-me no insentido e na insegurança
de ser homem. Esvaeço no impreciso,
o corpo rejeita a consciência.
Um desmaio é só um desmaio.

Julho de 75

EMBOTAMENTO

O caos e esta surdez, este embotamento dos sentidos.
O quente transfigura-se no frio de hoje,
o hoje demora-se na placidez que ontem foi amanhã.

As palavras são traiçoeiras como a necessidade
sincera de sinceridade, tudo mente, todos se mentem.

Ninguém se apercebe dos olhos que traumatizam
o esplendor de uma aurora, ninguém explora a dor
que a exploração incute no seio dos homens, todos
desejam na carnificina encontrar um caminho.

Julho de 75

MIMETISMO

Lidos os poemas escritos na febre
de uma inspiração inexacta
não descubro nada do que vivi,
nada do que senti, a não ser esse nada
nulo, esse vazio vago, esse oco ocaso do ser,
esse terebrante mimetismo do ser.

Julho de 75

O DESERTO

Levanta-se o homem, deita-se o homem:
o dia e a noite, os horários malditos.
No dia o trabalho com o cansaço
de movimentos mal realizados, irreais.
Na noite o sono que sucumbe ao cansaço
e o rosar de raivas impolutas.

Ontem a esfinge do mesmo.
Hoje a presença do mesmo.
Amanhã a mentira do mesmo.

Acumula-se sobre o ser esta poeira
do mal vivido, esta porcaria anímica.
Asfixia-se e na respiração o ar
é uma mistura se anseios visualmente
certos, estrebucha-se sem se saber porquê.

Na casa mítica a mesa resplandece
de uma brancura onde o pão está ausente.

A escrita desfaz-se e no reino do saber
a noite espalha-se como gritos de ratos
nos escaninhos da sensibilidade aflita.

Há a cidade que dorme indiferente
aos gritos dos homens que desfalecem,
e no campo o deserto alcança terrenos
que já foram férteis.

Trata-se de edificar no deserto a casa
onde os homens possam criar o mito
dos ensejos, a clarividência de pesados
esgares, o carnal domínio do ser, trata-se
de aprender a experiência do século,
a fereza inumana de uma paixão capaz
de originar vida e sonho.

O real é uma necessidade lógica. A alma
um delírio de desejos amalgamados
pelo raciocínio metódico de um tempo,
agora nem a história pode exigir
do homem um sacrifício a longo prazo.

Julho de 75

UM ACTO

Escrever um poema é sobretudo não escrever
um poema: lido depois da febre
aparece como um desvelo extemporâneo,
uma ficção inessencial,
um testemunho incapaz de mostrar a evidência.

Escrever um poema é um acto de ódio,
uma necessidade de pânico e de morte,
a vontade periclitante de atingir um orgasmo
através do casual engano.

O que não foi dito, o que se esqueceu,
também é ser.

A impossibilidade é uma parte importante
da criação, o inefável ressoa
como uma plausibilidade intransponível
no plano do real.

O não-dito revela-se no quotidiano
que o leitor inventará ou de que suspeitará,
a qualidade de uma obra desobedece aos ritos
tardios que as épocas engendram,
aquele que escreve não será jamais apreciado,
mas com o decorrer dos anos as palavras
aparecerão tão evidentes
que todos se esquecerão da sua difícil entrada
no mundo do real, formando elas próprias
a sua própria história.

Escrevo neste mítico aqui
poemas que serão lidos no seu desfasamento.

Cada frase aparentemente inócua
transporta no seu cerne uma porta
por onde o ser entra e sai: o real
é uma estrada de dois sentidos.

Julho de 75

SER

Ser tudo, diziam outrora os mestres
devorados pela ignomínia dos tempos falsos,
ser nada, digo eu hoje que não vislumbro
uma réstia de luz sulcando o acaso.

Mas ser, na dor e no fascínio de escritas
que se inserem no real como vozes
que deturpam talvez a ignorância,
a náusea, o mericismo idólatra, o sexo apto.
Ser no rodilhão de carícias que sabem
ao sal antigo, no esplendor de sóis
que vivem uma aventura inesperada,
um turbilhão de fogos que se perdem nus.

Descobrir é ser descoberto.

Avançar não é ter poder; não se traduz
pelos passos que se dão; avançar é compreender
a vida no que ela possui de profundamente
essencial: nada! Os enigmas desfraldam
ao vento, os dédalos abrem-se como bocas sôfregas.

Julho de 75

FALHANÇO

Há em cada gesto esboçado um falhanço,
em cada palavra proferida a canga
de insinuações pretéritas, o peso da história,
o fardo de longas memórias
alicerçadas no castigo da escravidão.

Mas cada passo é um passo em frente,
mesmo se a frente for um outro mito.

Julho de 75

FORA DO ALCANCE

Ontem é uma palavra que não tem razão de ser,
como tudo o que não existe.
Amanhã é uma suavíssima esperança
que acalentamos no desassossego.
Hoje é estar aqui e não ver mesmo quando se sente,
fora do alcance da análise que purifica as acções,
longe da história que se faz apenas de passado
e de enganos fulgurantes.

Vejo na história dita do homem a miséria
como uma constante, nem o progresso material
consegue limpar as nódoas imperdoáveis,
nem a liberdade se presta para a justificação
de uma ausência de igualdade,
tudo o que tem sido criado desfaz-se como pó
de cadáveres, nada fica do adquirido bem
para permanecer definitivo e alerta.

Julho de 75

O ESPELHO

Não compreendo o mundo. Não compreendo
o homem. Não percebo a necessidade
que ele tem de castigo e de escravidão.
Ou o desejo infrene de poder sobre os outros.

Dentro de mim, fora de mim,
e eu o espelho translúcido que reflecte.
Mas reflecte o quê? A realidade de eu ser eu,
do fora ser dentro? Sinto-me por vezes
dentro de tudo o que não acontece à minha volta.

Julho de 75

DEPOIS DE TUDO

Sim, depois de tudo,
cansado como um crepúsculo,
este desejo,
esta vontade de permanecer e de desaparecer,
este vaivém anímico e carnal.

Sou quem?
A quem falo?
O século que me assiste, assiste a quê?
Horas onde não vivo,
este miserável tempo de descobertas,
esta palavra que colhe um desassossego,
a noite é uma miragem de um azul
que me viu nascer,
o dia é a confusão luminosa de apelos,
os anos são doidos corolários do absurdo,
sou quem?

Aparecer, desaparecer.
Ficar gravado na terra como uma planta,
as raízes no húmus
que se fabrica de cadáveres e de ilusões,
as folhas viradas para o céu.

Estas frases que se querem significativas
e insignificantes, estas frases
nascidas de uma vontade independente,
estes signos que me buscam
e só encontram as ruínas dos dias
indiferentes ao que tenho sido, ao que tenho feito,
estes versos isentos de uma poesia que não vinga.

Julho de 75

VIVER

Afastar-me de tudo
e viver só numa impossível comunhão
com a natureza que não compreendo,
viver no silêncio das árvores que rumorejam,
ao lado de riachos que se abrem
como veios do infinito,
diante do animal como um animal,
no espírito um outro espírito,
só.

A civilização ocidental nada me diz.

O passado, mesmo brilhante,
deixa-me larvarmente indiferente,
o presente é um pesadelo que tento ignorar,
o futuro é o pretexto para não ser corajoso.

Nada do que aprendi me serve.
A experiência acastelada é tão falsa
como a cegueira da mediocridade.

Como atingir o cerne
do que não sabemos se comporta um cerne?
Pensar não é ser-se real.

As certezas incertas.
E o decorrer dos dias que esvoaçam
e nos deixam perplexos na insofismável
dor.

Fui em frente, voltei atrás,
de que me valeu?
Ser é não ter sido.
Esguardo estas frases escritas:
nem na poeira um abrigo!

Julho de 75

IMPORTÂNCIA

Fluo e reflu marejado de ávidos traumas,
lividamente esquartejado pela realidade de ser.

Em cada poema que vivo tenho que enfrentar
o enigma, não saber como escrevê-lo,
que palavras usar.
Querendo, mesmo assim, acabá-lo na perfeição
de pontos finais enganadores.

Da importância de tudo!

Um deserto na noite do meu hálito,
um casulo de medo,
e a peste que galvaniza os crimes severos
do social equívoco.
A desmedida do tempo nefasto:
vivemos de esperanças que tememos.

Poemas empobrecidos quando o homem se perde,
esgares indecentes e no final, esta calma:
como atingir, sem sentimentos, o cerne da dúvida?

Julho de 75

NO VAZIO DA MEMÓRIA

Escrevi no vazio da memória todos os livros
impossíveis, diariamente, segundo após segundo,
carnalmente sentidos.

Tento em vão recordá-los, sacar ao nada
esses invisíveis apelos:
só restos de versos, sílabas podres,
estagnadas.

Esqueci-me de mim.

Perdi-me na confusão mecânica do mundo.

Teimoso, mesmo assim dito-me a alma
que forjei paulatinamente,
e escrevo o que penso que sofri outrora.
Com outras palavras, outros sentidos,
desejando atingir a verdade
do que não mais existe:
pontos ansiosos da minha história.

Cada palavra que surge é uma urgência
intempestiva, um mistério eivado de uma inocência
em que não acredito, um círculo que se fecha
sobre o infinito.

A minha inutilidade é fundamental.
A escrita inócua dos dias comporta uma importância
que me ultrapassa, sou eu quem cria
o sentido da história,
independentemente das modas
que sulcam os arabescos da mediocridade.

Longe do furor que é hoje a aparência de hoje,
pertíssimo do que sou:
clivagem entre duas eras.

Julho de 75

ESTRANHOS INIMIGOS

Tenho espalhados pelo mundo
estranhos inimigos, falsos vislumbres,
testemunhos descontentes.
A minha morte será um alívio no peito
de alguns assassinos. Meu desespero não tem
limites. Mas acho-me suficientemente homem
para ser livre, para me governar.

Julho de 75

NÃO SER

Vividos os dias entre cansaços e sonos
que buscam na cama a paz.
O tempo meticulosamente dissolvido.
Perdi o sentido do decorrer.
Levanto-me ao entardecer e durmo de dia,
que faço?

Ah, a miragem que foge ao longe e se avoluma,
podre de ritos, o prazer que não auairo,
esta intrusão da demência.

Olho para as pessoas que passam
sem me saudarem,
ouço os passos belíssimos nos corredores
subterrâneos da cidade,
quem sou, que faço eu aqui no meio
desta gente?
Onde vivo? Onde acordei?
Não me compreendo.

Levanto-me manhã cedo maquinalmente,
desço as escadas do apartamento,
saio para a rua.

E assisto espantado ao vazio deserto
de ruas matutinas,
aos ecos estarecidos
que os meus passos fendem no absoluto,
para onde vou?

Trabalho com o meu corpo em gestos miseráveis
de um suor castrado,
abaixo-me para apanhar a porcaria
que jaz no chão,
ergo-me para limpar os tectos ausentes.

Por que trabalho?
Sobreviver.
Viver
sob o agulhão de uma miséria
que me deixa solitário,
no turbilhão de um destino que não se ama,
na fantasia de futuros que não chegam,
na imagem abreviadora de uma existência.

Morrer! Morrer definitivamente!
Não ser.

Julho de 75

ESCRAVIDÃO

Arrasado por mil batalhas,
pela acção inestimável do silêncio.
Não vislumbro uma só saída do dédalo.
Esbracejo e estrebuchó.
Viver mais um dia na ignomínia
de uma escravidão salariada.
E à volta só luz, esta poeira policroma.

Julho de 75

OS ASTROS

Leio nos astros a minha odisseia:
ter nascido aquário,
quando a terra mastiga a ousadia das sementes.
Os astros não traduzem os crimes
que revigoro, o pensamento moderno
não comporta mais a clivagem do sonho,
tudo desobedece e eu cumpro-me.

Mistura maldita do ar que ama o fogo.

Não me solidarizei nunca com os ritos
sociais, não me entreguei ao algoz
que dá um significado à vida.
Se leio os astros é para comprovar
quão longe me situo no universo!

Julho de 75

ESCREVER

Esta velhíssima necessidade incoercível,
esta comichão na inteligência,
rodopio no cérebro,
esta febre no peito arfante, as mãos
ágeis estigmas, nunca vivi desta maneira
o ser: escrever fora da história,
diante da morte como um festim, escrever
sem buscar nas palavras um sentido
razoável, nunca me senti
tão perto de outra coisa.

Chamam-lhe êxtase e ignoro o peso das palavras.

Julho de 75

MIM

Chega até mim o sofrível de mim.
A dor de ter nascido fora do universo.
E de o saber.

Sou silêncio.
Não estou.
Não sei o que digo.
Sei o que digo.

O irrazoável do eterno retorno,
o retorno eternamente vivido
pelos que fogem ao domínio do haver.

Não sei o que é o ser. Sabê-lo-ei alguma vez?

Calo-me e vivo o silêncio.
Mas o silêncio contemporâneo
abre-se em vozes que me desvendam.

Não há regresso de deuses.
Nem progresso de homem.

Julho de 75

LER

Escrever é ler.

Leio os sinais que fulminam a sensibilidade
dos homens do ocidente,
mal ou bem, tentando ser justo com o que assisto.
Errando certamente, acertando talvez.

Certas ideias que surdem e esbarram
contra a fereza do mundo.
Opiniões que nascem, duram e morrem,
sentimentos que se acalentam.

A história que eu tanto temo,
porque me temo e receio os passos que dou,
os outros, os chamados seres humanos,
quantas vezes inumanos.

O inanimado que está na paisagem,
a política dos homens, a mulher, a morte.

Sou um homem que escreve.

Não fui destinado a nada, minha essência
nem é profunda nem epidérmica. É este nada.

Viver.

Para viver tive que me alagar na insubstância
do impossível, tive que inventar mundos
à minha semelhança.

A loucura espreitava-me a cada esquina,
turbilhão heteróclito de emoções
e impulsos, a loucura que evito escrevendo
leituras na ignorância mais completa,
no silêncio mais atroz,
no furor mais intempestivo,
queda onde me abismo dia após dia,
esperançadamente.

Julho de 75

CAPA E CONTRACAPA:
FOTOS DE LUÍS SILVA CARVALHO,
PARIS, ANOS 70.